

Stiglitz volta a atacar o Consenso de Washington

Para economista, política econômica é causa da estagnação latino-americana

FERNANDO DANTAS

RIO – O economista e prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz apontou ontem o Consenso de Washington como um dos principais responsáveis para o fraco desempenho econômico e social da América Latina nos anos 90. Stiglitz fez uma palestra no Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “Há uma ligação clara entre o desalentador desempenho que se observou e as políticas seguidas”, disse Stiglitz, referindo-se ao Consenso de Washington.

O Consenso é o conjunto de reformas recomendado para os países emergentes pelas instituições multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, além dos governos dos Estados Unidos e de outros países ricos, a partir do final dos anos 80 e na década de 90. Essas reformas incluem estabilização da inflação, ajuste fiscal, privatização, abertura comercial, desregulamentação e liberalização dos fluxos de capitais.

O prêmio Nobel observou que o crescimento econômico na década de 90 na América

Latina foi pouco mais da metade do ocorrido nos anos 50, 60 e 70. E ele acha que mesmo esse crescimento, concentrado no período de 90 a 97, não se deveu às reformas implementadas pelos países da região, mas sim à recuperação da “ressaca” de crédito externo dos anos 80.

A prova de que o crescimento dos anos 90 não era sustentável, para ele, foi o que chamou de “meia década” perdida – o período de 1998 a 2002, quando a renda per capita da região caiu. Na década como um todo, incluindo o período melhor de 90 a 97, segundo os dados de Stiglitz, o percentual da população latino-americana abaixo da linha da pobreza aumentou, e o desemprego na região subiu três pontos percentuais.

Ele observou que as reformas de flexibilização do mercado de trabalho tinham como objetivo reduzir a “rigidez” que seria uma fonte do desemprego. Mas, em um ambiente de altas taxas de juros e pouco inves-

timento, “o que pode acontecer é que o trabalhador saia de um posto de baixa produtividade, mas em vez de ir para um de alta, acabe no desemprego”.

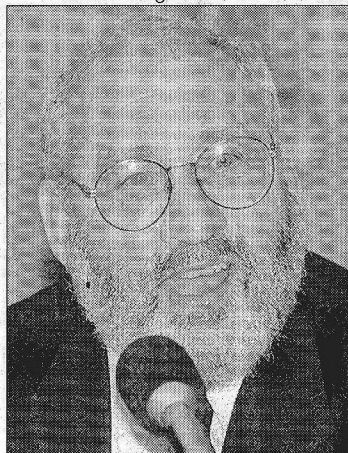
Stiglitz também criticou a ênfase excessiva no ajuste fiscal e no controle da inflação, e alguns aspectos da privatização.

O principal alvo do economista, porém, foi a liberalização financeira, responsável, a seu ver, por boa parte da instabilidade financeira na América Latina em outros países

emergentes na década de 90. Ele observou que, em um mundo crescentemente globalizado, os países em desenvolvimento sofrem as consequências das turbulências financeiras de forma muito mais intensa que os ricos. E as causas da instabilidade frequentemente vêm dos países desenvolvidos.

O prêmio Nobel disse, finalmente, que a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) só seria boa para os países da região se estes conseguissem fazer os Estados Unidos abrirem de fato os seus mercados. “Os Estados Unidos são muito bons em barreiras não-tarifárias”, disse Stiglitz.

Otávio Magalhães/AE-11/5/2001



“Há ligação clara com o desemprego”

Joseph Stiglitz